A PASSAGEM

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PARTE I

O PIOR PESADELO DO MUNDO

5-1 A.V.

A estrada para a morte é uma longa marcha assolada por todos os males, e o coração falha pouco a pouco, a cada novo terror; os ossos se rebelam a cada passo, a mente estabelece sua própria resistência amarga, e com que finalidade? As barreiras caem uma a uma, e cobrir os olhos não afasta a paisagem do desastre, nem a visão dos crimes ali cometidos.

– Katherine Anne Porter
Cavalo pálido, cavaleiro pálido

UM

Antes de se tornar a Garota de Lugar Nenhum – Aquela que Surgiu, A Primeira, Última e Única, a que viveu mil anos – ela era apenas uma menininha de Iowa chamada Amy. Amy Harper Bellafonte.

Quando Amy nasceu, sua mãe, Jeanette, tinha 19 anos. Jeanette a chamou assim em homenagem à mãe, que havia morrido quando ela era pequena, e escolheu o segundo nome, Harper, por causa de Harper Lee, autora de *O sol é para todos*, seu livro predileto – para dizer a verdade, o único livro que havia lido até o final do ensino médio. Poderia tê-la chamado de Scout, como a narradora da história, porque queria que a filha fosse igual à personagem: forte, divertida e inteligente, de um jeito que Jeanette jamais conseguira ser. Mas Scout era nome de menino, e ela não queria que a filha passasse a vida inteira tendo que explicar isso.

O pai de Amy era um homem que um dia apareceu no restaurante em que Jeanette trabalhava como garçonete desde os 16 anos, um lugar que todos chamavam de Caixa, porque parecia uma grande caixa de sapatos cromada, e que ficava à beira da estrada, diante de uma plantação de milho e feijão, de onde não se via mais nada por quilômetros, a não ser um lava a jato daqueles em que você coloca moedas na máquina e tem que fazer todo o trabalho sozinho. O homem, que se chamava Bill Reynolds, vendia ceifadeiras, colheitadeiras e máquinas desse tipo. Era um sujeito de fala suave que, enquanto Jeanette lhe servia o café – e também mais tarde – lhe disse várias vezes que ela era linda, que gostava de seus cabelos pretos como carvão, de seus olhos castanhos e dos pulsos finos. Ele falou tudo isso de um modo que parecia verdadeiro, e não como os garotos da escola, como se as palavras fossem apenas algo que precisava ser dito para que Jeanette os deixasse fazer o que quisessem com ela. Ele tinha um carro grande, um Pontiac novo, com um painel que brilhava como uma espaçonave e bancos de couro macios como manteiga. Ela achava que poderia ter amado aquele homem, amado de verdade. Mas ele só ficou na cidade por alguns dias e depois foi embora.

Quando ela contou ao pai o que havia acontecido, ele quis ir atrás do responsável por aquilo, fazê-lo assumir a criança. Mas o que Jeanette sabia e não disse ao pai era que Bill Reynolds era casado e tinha família na cidade de Lincoln, em Nebraska, bem longe dali. Havia até mesmo mostrado a ela as fotos dos filhos que

trazia na carteira: dois menininhos vestindo uniformes de beisebol, Bobby e Billy. De modo que, por mais que seu pai perguntasse quem era o homem que havia feito aquilo com ela, ela não diria. Jamais sequer mencionou o nome dele.

A verdade era que nada disso a incomodara realmente: nem a gravidez, que foi bem tranquila, nem o parto propriamente dito, que foi ruim mas rápido, e muito menos o bebê, sua pequena Amy. Para que a filha soubesse que ele a havia perdoado, seu pai transformou o antigo quarto do irmão de Jeanette num quartinho de neném. Ele pegou um velho berço no sótão, o mesmo em que a própria Jeanette havia dormido quando bebê, e, nos últimos meses antes da chegada de Amy, levou Jeanette para comprar algumas coisas de que precisava, como pijamas, uma banheira de plástico e um móbile para pendurar em cima do berço. Ele havia lido que bebês precisavam de coisas assim, objetos para olharem, de modo que seus pequenos cérebros fossem estimulados e funcionassem bem.

Desde o início, Jeanette só pensou no bebê como sendo "ela", porque em seu coração desejava uma menina, mas sabia que esse era o tipo de coisa que não deveria dizer a ninguém, nem mesmo a si própria. Fez uma ultrassonografia no hospital em Cedar Falls e perguntou à técnica, uma mulher de jaleco florido que passava o pequeno aparelho de plástico em sua barriga, se era possível saber o sexo da criança, mas a mulher apenas sorriu e disse, olhando no monitor as imagens do bebê de Jeanette dormindo dentro dela: "Querida, este neném é tímido. Às vezes dá para ver, outras vezes não, e esta é uma delas." Então Jeanette não soube, mas decidiu que estava bem assim.

Depois, quando ela e o pai esvaziaram o quarto do irmão, arrancaram os antigos pôsteres – de astros do beisebol, bandas musicais e modelos de propagandas de cerveja – e viram como as paredes estavam desbotadas, resolveram pintar o quarto de uma cor cujo nome na lata de tinta era "hora de sonhar" e que, de algum modo, era ao mesmo tempo rosa e azul – o que seria adequado qualquer que fosse o sexo do bebê. Seu pai colocou uma faixa junto ao teto, com padrão de patos nadando num laguinho, e comprou uma velha cadeira de balanço de madeira numa loja de móveis usados, para que Jeanette tivesse onde ficar sentada com o neném no colo quando o levasse para casa.

O bebê nasceu no verão, a menina que ela desejara e a quem chamou de Amy Harper Bellafonte. Não parecia fazer sentido usar Reynolds, o sobrenome de um homem que Jeanette achava que nunca mais veria e que, agora que Amy estava ali, não queria mais ver. Mas Bellafonte, era impossível haver nome melhor. Significava "linda fonte", e era exatamente isso o que Amy era. Jeanette a amamentava, ninava, lhe trocava as fraldas e, quando Amy chorava no meio da noite

porque estava molhada, com fome ou porque não gostava do escuro, Jeanette ia cambaleando pelo corredor até o quarto dela, sem se importar com a hora ou com o cansaço depois de trabalhar o dia inteiro na Caixa, e lhe dizia que estava ali, que sempre estaria, que se você chorar eu venho correndo, esse é o nosso trato, meu e seu para todo o sempre, minha pequenina Amy Harper Bellafonte. E a pegava no colo, ninando-a até que a luz do amanhecer começasse a entrar pelas persianas e Jeanette ouvisse passarinhos cantando nos galhos das árvores lá fora.

E então Amy tinha 3 anos e Jeanette estava sozinha. Seu pai havia morrido – ataque cardíaco, disseram, ou talvez derrame; não era o tipo de coisa que fosse preciso verificar. O que quer que fosse, pegara-o de manhã cedo num dia de inverno, enquanto andava até a picape para ir trabalhar. Ele só tivera tempo de colocar seu café no para-choque antes de cair e morrer, sem derramar uma gota. Jeanette ainda trabalhava na Caixa, mas agora o dinheiro não dava nem para Amy nem para nada, e seu irmão, que estava em algum lugar com a Marinha, não respondia às suas cartas. "Deus inventou Iowa", ele sempre dizia, "para que as pessoas vão embora e nunca mais voltem." Ela pensava no que fazer.

Até que um dia um homem entrou no restaurante. Era Bill Reynolds. Havia algo diferente nele, e a mudança não era boa. O Bill Reynolds de que se lembrava – tinha de admitir que ainda pensava nele de vez em quando, principalmente nos pequenos detalhes, como o modo como seu cabelo cor de areia caía pela testa enquanto falava, ou como ele soprava o café antes de beber, mesmo que não estivesse mais quente – tinha alguma coisa, uma espécie de luz interior cálida que a gente queria ter por perto. Ele lembrava a ela aquelas varinhas de néon que brilham quando sacudidas. Era o mesmo homem, mas o brilho havia sumido. Parecia mais velho, mais magro. Ela reparou que ele não havia se barbeado nem penteado os cabelos, que estavam oleosos e bagunçados, e que não estava usando uma camisa polo engomada, como antes, e sim uma camiseta simples, como as que seu pai costumava usar no trabalho, por fora da calça e manchada nas axilas. Parecia ter passado a noite inteira na rua ou num carro estacionado em algum lugar. Ele atraiu seu olhar assim que passou pela porta, e ela o acompanhou até uma mesa nos fundos do restaurante.

– O que está fazendo aqui?

– Eu a deixei – respondeu Bill olhando para ela.

Jeanette sentiu cheiro de cerveja, suor e roupa suja.

– Foi o que eu fiz, Jeanette. Deixei minha mulher. Sou um homem livre.

– Você veio até aqui para me dizer isso?

– Tenho pensado em você. – Ele pigarreou. – Muito. Tenho pensado em nós.

– Nós, quem? Você não pode aparecer aqui desse jeito e dizer que andou pensando em nós.

Ele se empertigou.

– Bom, é exatamente o que estou fazendo agora.

– O restaurante está cheio, não está vendo? Não posso ficar conversando assim. Você vai ter de pedir alguma coisa.

– Ótimo – respondeu ele, sem olhar o cardápio na parede, os olhos fixos nela, e acrescentou: – Vou querer um cheeseburger. Um cheeseburger e uma Coca.

Enquanto anotava o pedido e as palavras flutuavam em sua visão, ela percebeu que tinha começado a chorar. Sentia-se como se não dormisse havia um mês, um ano. O peso da exaustão era sustentado apenas por uma pontinha de força de vontade. Houve um tempo em que ela desejara fazer alguma coisa da vida – cortar o cabelo, talvez, tirar um diploma, abrir uma loja, mudar-se para uma cidade de verdade, como Chicago ou Des Moines, alugar um apartamento, ter amigos. Por algum motivo sempre se imaginara numa dessas cidades, sentada num restaurante, um café elegante: era outono, fazia frio lá fora, e ela estava sozinha sentada junto à janela, lendo um livro. Em sua mesa havia uma caneca fumegante de chá. Ela olhava pela janela e observava as pessoas andando depressa de um lado para o outro com casacos pesados e chapéus, e via também seu próprio rosto refletido no vidro, pairando acima da imagem dos pedestres lá fora. Mas, enquanto anotava o pedido de Bill, essas ideias pareciam pertencer a uma pessoa totalmente diferente. Agora havia Amy, quase sempre doente, com gripe ou alguma virose que pegava na creche barata onde ficava para que Jeanette trabalhasse na Caixa, e a morte de seu pai daquele jeito tão brusco, tão depressa, como se tivesse caído por um alçapão na superfície da Terra, e Bill Reynolds sentado à mesa como se houvesse se ausentado por alguns segundos, e não quatro anos.

– Por que você está fazendo isso comigo?

Ele sustentou o olhar de Jeanette por um longo tempo e tocou sua mão.

– Me encontre mais tarde. Por favor.

Bill acabou indo morar com Amy e Jeanette. Ela não sabia dizer se o havia convidado ou se aquilo simplesmente acontecera. De qualquer modo, logo se arrependeu. Bill Reynolds: quem era ele de verdade? Tinha deixado a mulher e os filhos, Bobby e Billy, com seus uniformes de beisebol, tudo para trás em Nebraska. O Pontiac se fora, e ele não tinha mais emprego – isso também ficara para trás. Com a economia daquele jeito, ele explicara, ninguém mais comprava porcaria

nenhuma. Bill disse que tinha planos, mas o único plano que ela o via pôr em ação era ficar sentado em casa, sem fazer nada por Amy e nem mesmo lavar os pratos do café da manhã, enquanto ela trabalhava o dia inteiro na Caixa.

Ele bateu nela pela primeira vez depois de estarem morando juntos havia três meses. Estava bêbado e, assim que acabou, explodiu em pranto, dizendo repetidamente como estava arrependido. Ficou de joelhos chorando, como se *ela* tivesse feito alguma coisa contra *ele*. Disse que ela precisava entender como tudo era difícil, todas aquelas mudanças na vida dele. Era mais do que um homem, qualquer homem, podia suportar. Ele a amava, estava arrependido, aquilo nunca aconteceria de novo, jamais. Ele *jurou*. Não aconteceria com ela nem com Amy. E, no fim, ela se viu pedindo desculpas também.

Ele havia batido nela por causa de dinheiro. Quando o inverno chegou e Jeanette não tinha dinheiro suficiente para pagar pelo óleo para aquecer a casa, Bill bateu nela de novo.

– Desgraça, mulher! Não está vendo que estou cheio de problemas?

Ela estava no chão da cozinha, as mãos na cabeça. Ele havia batido com força suficiente para fazê-la voar. Agora, caída, ela notava como o chão estava imundo, sujo e manchado, com cotões de poeira e Deus sabe mais o quê acumulados contra a base dos armários, onde geralmente não eram vistos. Uma parte da sua mente se ocupava disso enquanto a outra dizia: você não está pensando direito, Jeanette. Bill bateu em você e algum parafuso se soltou, e agora você fica se preocupando com a poeira. Algo estranho parecia estar acontecendo com os sons ao redor, também. Amy estava assistindo a um programa lá em cima, na pequena televisão em seu quarto, mas Jeanette podia escutar tudo como se estivesse dentro de sua cabeça: Barney, o dinossauro roxo, e uma música sobre escovar os dentes, e depois, ao longe, o som do caminhão de óleo indo embora, o motor rugindo enquanto se afastava pela estrada.

– Esta casa não é sua – disse ela.

– Nisso você está certa. – Bill pegou uma garrafa de Old Crow em cima da pia e fez de um pote de geleia o copo em que se serviu uma dose, apesar de serem apenas 10 da manhã. Sentou-se à mesa, mas não cruzou as pernas como se quisesse ficar confortável. – E o óleo também não é meu.

Jeanette rolou e tentou ficar de pé, mas não conseguiu. Olhou para ele por um instante.

– Vá embora.

Ele riu, balançando a cabeça, e tomou outro gole de uísque.

– Que engraçado – zombou ele – você dizer isso aí do chão.

– Estou falando sério. Vá embora.

Amy entrou na cozinha. Segurava o coelhinho de pelúcia que ainda carregava para todo canto e usava um macacão, o melhor que tinha, que Jeanette havia comprado numa liquidação na OshKosh B'Gosh, com moranguinhos bordados no peito. Uma das alças estava solta, balançando na altura da cintura. Jeanette percebeu que Amy devia ter desabotoado a alça sozinha porque precisava ir ao banheiro.

– Você caiu, mamãe.

– Está tudo bem, querida. – Ela se levantou para provar. Seu ouvido direito zumbia um pouco, como num desenho animado, e ela estava tonta. Viu também que tinha um pouco de sangue na mão, não sabia de onde. Ela pegou Amy no colo e se esforçou ao máximo para sorrir.

– Está vendo? Mamãe só escorregou, só isso. Você precisa ir ao banheiro, querida? Precisa?

– Olhe só para você – disse Bill. – Dê só uma olhada em você. – Ele balançou a cabeça de novo e tomou mais um gole. – Sua babaca idiota. Ela provavelmente nem é minha.

– Mamãe – disse a menina, e apontou –, você se cortou. Seu nariz está sangrando.

E talvez pelo que tinha escutado ou por causa do sangue, a menininha começou a chorar.

– Viu o que você fez? – disse Bill, e para Amy: – Ora, ora. Não foi nada de mais, às vezes as pessoas discutem, é assim mesmo.

– Vou dizer mais uma vez: vá embora.

– E aí, o que você vai fazer? Você não consegue nem encher o tanque de óleo.

– Acha que eu não sei disso? Deus sabe que não preciso de você para me dizer isso.

Amy chorou ainda mais. Segurando-a no colo, Jeanette sentiu uma umidade quente se espalhar por sua cintura quando a menina soltou a bexiga.

– Pelo amor de Deus, faça essa garota calar a boca.

Ela apertou Amy junto ao peito.

– Você está certo. Ela não é sua. Não é sua e nunca será. Vá embora ou chamo a polícia, eu juro.

– Não faça isso comigo, Jean. Estou falando sério.

– Eu também. E é isso mesmo o que vou fazer.

Então ele se levantou e irrompeu pela casa, pegando suas coisas, jogando-as nas mesmas caixas de papelão que tinha usado para trazê-las meses antes. Jeanette se perguntou por que, na época, não achara estranho o fato de ele nem sequer ter uma mala de verdade. Ela se sentou à mesa da cozinha segurando Amy no colo,

olhando o relógio acima do fogão e contando os minutos até que ele voltasse para bater mais nela.

Mas então ela ouviu a porta da frente se abrir e os passos pesados dele na varanda. Bill ficou entrando e saindo por algum tempo, carregando as caixas, deixando o ar frio penetrar na casa pela porta da frente aberta. Por fim entrou na cozinha, fazendo um rastro de neve no chão com as solas das botas.

– Ótimo. Ótimo. Quer mesmo que eu vá embora? – Ele pegou a garrafa de Old Crow na mesa. – Última chance – disse.

Jeanette não falou nada, nem olhou para ele.

– Então é assim. Ótimo. Se importa se eu tomar uma saideira?

E foi então que Jeanette bateu no copo dele, atirando-o do outro lado da cozinha, a mão espalmada como uma raquete. Só meio segundo antes do gesto ela percebeu o que ia fazer. Percebeu que aquela não era a melhor ideia que tivera, mas já era tarde demais. O copo bateu na parede com um som oco e caiu no chão, sem quebrar. Ela fechou os olhos e segurou Amy com força, sabendo o que viria. Por um momento o som do copo rolando no chão pareceu ser o único ruído na cozinha. Ela podia sentir a raiva crescendo dentro de Bill como ondas de calor.

– Espere só para ver o que a aguarda, Jeanette. Anote o que eu digo.

Então seus passos o levaram para fora da casa, e ele se foi.

Ela pagou ao homem do óleo a quantia que pôde e virou o termostato para 10 graus, para que o óleo durasse mais tempo.

– Viu, Amy, é como se estivéssemos num acampamento – disse ela à filha enquanto enfiava as mãozinhas da menina em luvas e punha um gorro em sua cabeça. – Pronto, não está tão frio assim, na verdade. É como uma aventura.

As duas dormiam juntas sob uma pilha de cobertores, o quarto tão gelado que a respiração delas formava uma névoa. Jeanette arranjou um segundo emprego, à noite, fazendo faxina numa escola. Ela deixava Amy com uma vizinha, mas, quando a mulher ficou doente e teve de ser internada, Jeanette precisou deixar a filha sozinha. Explicou à menina o que fazer: fique na cama, não abra a porta, apenas feche os olhos e eu estarei de volta antes que você perceba. Certificava-se de que ela estivesse dormindo antes de se esgueirar pela porta, depois andava rapidamente pelo caminho coberto de neve até onde havia parado o carro, longe da casa, para que Amy não escutasse o motor sendo ligado.

Mas uma noite Jeanette cometeu o erro de falar sobre isso a uma colega de trabalho, enquanto as duas faziam uma pausa para fumar. Ela nunca havia fumado

antes e sabia que não devia gastar aquele dinheiro, mas o cigarro a ajudava a ficar acordada e, fora aquele intervalo, não havia nada pelo que esperar além de mais banheiros a serem limpos e corredores a serem esfregados. Pediu à mulher, que se chamava Alice, que não contasse a ninguém, sabia que poderia ter problemas por deixar Amy sozinha daquele jeito. Mas foi exatamente isso o que Alice fez: foi direto ao supervisor, que demitiu Jeanette no ato.

– Deixar uma criança sozinha assim não é certo – disse ele em seu escritório perto das caldeiras, um cômodo que não passava de três metros quadrados, com uma mesa de metal amassada, uma velha poltrona com estofo saindo e um calendário de outro ano na parede. O ar ali era sempre tão quente e abafado que Jeanette mal conseguia respirar. – Você tem sorte de eu não denunciá-la às autoridades.

Ela se perguntou quando se tornara uma pessoa a quem alguém poderia dizer aquilo sem estar errado. O supervisor fora gentil com ela até aquele dia, e talvez Jeanette pudesse tê-lo feito entender a situação, que sem o dinheiro da faxina ela não saberia o que fazer, mas estava cansada demais para encontrar as palavras. Pegou seu último pagamento e voltou para casa em seu velho carro, o Kia que comprara ainda na adolescência, quando ele tinha seis anos de uso e já se deteriorava tão depressa que ela praticamente podia ver pelo retrovisor as porcas e os parafusos caindo no asfalto. Então, quando parou no mercadinho para comprar cigarro e o motor não quis mais pegar, ela começou a chorar. E levou meia hora para conseguir parar.

O problema era a bateria. Acabou tendo de gastar 83 dólares na compra de uma nova. A essa altura já havia faltado ao trabalho uma semana e perdido o emprego na Caixa também. O dinheiro que tinha foi suficiente apenas para ir embora levando suas coisas em duas sacolas de compras e nas caixas que Bill havia deixado para trás.

Ninguém jamais soube o que aconteceu a elas. A casa ficou vazia. Os canos congelaram e estouraram como frutas maduras demais. Quando chegou a primavera, a água jorrou por eles por muitos dias, até que a companhia de água, percebendo que ninguém pagava a conta, mandou dois homens para desligá-la. Os ratos se apossaram da casa, e, quando uma janela no andar de cima se quebrou durante uma tempestade de verão, vieram as andorinhas. Elas construíram seus ninhos no quarto onde Jeanette e Amy haviam dormido no frio, e logo a casa se encheu com o som e o cheiro dos pássaros.

Em Dubuque, Jeanette trabalhou à noite num posto de gasolina, enquanto Amy dormia no sofá numa sala dos fundos, até que o dono descobriu e a mandou embora. Era verão, e elas moravam no Kia, usando o banheiro atrás do posto para

se lavarem, de modo que ir embora era apenas uma questão de entrar no carro e sair. Durante algum tempo, as duas viveram na casa de uma amiga de Jeanette em Rochester, uma garota que ela conhecera na escola e que tinha se mudado para lá para estudar enfermagem. Jeanette arranjou um emprego como faxineira no hospital onde a amiga trabalhava, mas ganhava apenas um salário mínimo, e o apartamento da amiga era pequeno demais para elas ficarem. Jeanette e Amy se mudaram para um hotel, mas não havia ninguém para cuidar da menina, a amiga não podia fazer isso e não conhecia ninguém que pudesse, e as duas acabaram indo morar no Kia de novo. Era setembro, e o frio já estava de volta. O rádio falava o dia todo sobre a guerra. Jeanette dirigiu em direção ao sul e conseguiu chegar até Memphis antes que o Kia pifasse de vez.

O homem que deu carona a elas na Mercedes disse que se chamava John – o que era mentira, supôs Jeanette pelo modo como ele falou, como uma criança ao contar quem quebrou o abajur, olhando-a por um segundo antes de dizer "Meu nome é... John". Ela calculou que ele devia ter uns 50 anos, mas não sabia avaliar muito bem essas coisas. Ele tinha uma barba bem aparada e usava um terno escuro apertado, como um agente funerário. Enquanto dirigia, ficava olhando para Amy pelo retrovisor, ajeitando-se no banco, fazendo perguntas a Jeanette sobre ela, aonde estava indo, que tipo de coisas gostava de fazer, o que a trouxera ao grande estado do Tennessee. O carro a fez lembrar o de Bill Reynolds, só que mais caro. Com as janelas fechadas, Jeanette mal podia ouvir qualquer coisa lá fora, e os bancos eram tão macios que ela parecia estar sentada num prato de sorvete. Sentiu vontade de dormir. Quando pararam no hotel, ela mal se importava com o que iria acontecer. Parecia inevitável. Estavam perto do aeroporto. O terreno era plano como em Iowa e, no crepúsculo, ela podia ver as luzes dos aviões circulando nas pistas, movendo-se em arcos sonolentos e vagarosos como alvos num clube de tiro.

– Amy, querida, mamãe vai ter de entrar com esse moço por um minuto, está bem? Fique olhando seu livro de figuras, querida.

Ele foi bastante educado, indo direto ao assunto, chamando-a de querida e coisa e tal, e antes de ir embora pôs 50 dólares na mesinha de cabeceira – o bastante para Jeanette pagar por uma noite para Amy e ela no hotel.

Mas outros não foram tão gentis.

À noite ela trancava Amy no quarto com a TV ligada para fazer algum barulho, ia para a frente do hotel, ficava à beira da estrada, imóvel, e não demorava muito. Alguém sempre parava, e, assim que entravam num acordo, ela levava o

homem para o hotel. Ela ia na frente e, antes de deixá-lo entrar no quarto, carregava Amy para o banheiro, onde arrumara uma cama para ela dentro da banheira, usando alguns cobertores e travesseiros extras.

Amy tinha 6 anos. Era quieta, falava muito pouco na maior parte do tempo, mas havia aprendido a ler praticamente sozinha, de tanto olhar os mesmos livros, e conhecia os números. Uma vez as duas estavam assistindo a um programa de TV, e, quando chegou a hora de a participante escolher como gastar o dinheiro que havia ganhado, a menina disse exatamente o que ela conseguiria comprar, que não teria o suficiente para as férias em Cancún, mas poderia levar o conjunto de sala de estar e ainda sobraria o bastante para o jogo de tacos de golfe. Jeanette pensou em como a filha era esperta por deduzir aquilo, que talvez fosse até muito inteligente e que provavelmente deveria estar na escola, mas não sabia onde havia escolas por ali. Conhecia apenas oficinas, lojas de penhores e hotéis como aquele em que moravam, o SuperSix. O dono era um homem que se parecia com Elvis Presley, não o Elvis jovem e bonito, mas o velho e gordo, de cabelos oleosos e óculos dourados enormes, que faziam seus olhos parecerem peixes nadando num aquário, e uma jaqueta de cetim com um raio nas costas, exatamente como Elvis. Na maior parte do tempo ele ficava sentado à sua mesa atrás do balcão, jogando paciência e fumando um cigarro com piteira de plástico.

Jeanette pagava em dinheiro vivo toda semana e, se lhe desse uns 50 dólares extras, o dono do hotel não a incomodava. Um dia ele perguntou se ela possuía alguma coisa para se proteger, se não queria comprar um revólver. Ela disse que sim, quanto é, e ele respondeu que 100 pratas. Ele lhe mostrou um pequeno revólver calibre 22 enferrujado. Quando ela o colocou na mão direita, ali no saguão, não pareceu grande coisa, muito menos algo com que se pudesse atirar numa pessoa. Mas era suficientemente pequeno para caber na bolsa que ela sempre levava para a estrada, e Jeanette não achou que seria má ideia.

– Veja lá para onde você aponta isso – disse ele.

– Bem, se você está com medo, ele deve funcionar. Você acaba de vender uma arma.

Ficou feliz por ter o revólver. O simples fato de saber que ele estava em sua bolsa fizera-a perceber que antes sentia medo, mas agora não, pelo menos não muito. A arma era como um segredo, um segredo a respeito de quem ela realmente era, como se estivesse carregando o último pedacinho de si mesma na bolsa. A outra Jeanette, a que ficava parada na estrada com um top curtíssimo e uma saia justa, que projetava o quadril, sorria e dizia "O que você quer, querido? O que posso fazer por você?", aquela Jeanette era uma pessoa inventada, como uma mulher de uma história cujo final ela não estava certa de querer saber.

O homem daquela noite não era o que aparentava. Geralmente Jeanette podia identificar os maus logo de cara, e às vezes dizia não, obrigada, e continuava andando. Mas aquele parecia legal, ela achou que era um universitário, ou pelo menos era jovem o bastante para ser. Estava bem-vestido, com uma calça cáqui e uma camisa polo. Parecia alguém que se arrumara para ir a um encontro, o que a fez rir sozinha enquanto entrava no carro, uma grande picape com um suporte no teto para transportar bicicletas ou o que fosse.

Mas então algo estranho aconteceu. Ele não quis ir até o quarto do hotel. Alguns homens preferiam fazer tudo ali mesmo, no carro, sem se incomodar em sair, mas quando ela começou a fazer isso, achando que era o que ele queria, ele a afastou gentilmente. Disse que queria levá-la para sair.

– Como assim, sair? – ela perguntou.

– Vamos a um lugar legal. Não prefere ir a um lugar legal? Eu pago mais.

Ela pensou em Amy dormindo no quarto e achou que não faria muita diferença.

– Desde que não demore mais de uma hora – disse. – Depois você me traz de volta.

Mas levaria mais de uma hora, muito mais. Quando finalmente chegaram aonde ele queria, Jeanette estava com medo. O homem estacionou em frente a uma casa que tinha uma grande placa na varanda com desenhos que pareciam letras, mas não eram bem isso, e Jeanette logo soube do que se tratava: uma república estudantil. Um lugar onde um bando de garotos ricos morava e se embebedava usando o dinheiro dos pais, fingindo estar na faculdade para um dia virarem médicos ou advogados.

– Você vai gostar dos meus amigos – disse o sujeito. – Venha, quero que os conheça.

– Não vou entrar aí. Me leve de volta agora.

Ele parou, colocou as duas mãos no volante, e, quando ela viu o que havia em seus olhos, a fome lenta e louca, de repente ele não parecia mais um cara legal.

– Essa opção não existe – disse ele. – Aliás, ela não faz nem parte do cardápio.

– Não existe é o cacete.

Ela abriu a porta da picape e saiu correndo, mesmo não sabendo onde estava, mas ele foi atrás dela e a agarrou com força pelo braço. Agora ficara bem claro o que a esperava dentro da casa, o que ele queria, e como tudo ia acontecer. A culpa era dela por não ter entendido antes – muito antes, talvez ainda na Caixa, no dia em que Bill Reynolds havia entrado. Percebeu que o rapaz também estava com medo, que talvez alguém o tivesse obrigado a fazer aquilo, os amigos dentro da casa, quem sabe, mas o fato é que ele também parecia nervoso. Mas isso não importava. Ele chegou por trás dela e tentou prendê-la dando uma chave de pescoço. Então Jeanette o acertou com a parte de trás do punho, com força, onde

sabia que ia doer – o que o fez gritar, chamá-la de vadia, puta e tudo o mais e lhe dar um soco no rosto.

Jeanette perdeu o equilíbrio e caiu de costas, e ele então montou nela como um jóquei em um cavalo, batendo e socando, tentando prender seus pulsos. Ela sabia que, se ele conseguisse isso, seria o fim. O cara provavelmente não se incomodaria se ela estivesse inconsciente enquanto agia, pensou, nenhum deles se importaria. Ela alcançou a bolsa, que estava caída na grama. Sua vida lhe era tão estranha que não parecia mais ser sua, se é que algum dia tinha sido. Mas tudo fazia sentido para uma arma. Uma arma sabia exatamente o que era, e ela sentiu o metal frio do revólver se alojar na palma de sua mão, como se quisesse estar ali. Ela disse a si mesma: "Não pense, Jeanette", e encostou o revólver na têmpora do rapaz, sentindo a pele e o osso contra o cano, tão perto que não poderia errar, e então puxou o gatilho.

Jeanette levou quase a noite inteira para chegar em casa. Depois que o rapaz rolou de cima dela, ela correu o mais depressa que pôde até a maior rua que encontrou, uma ampla avenida que reluzia sob as luzes, bem a tempo de pegar um ônibus. Não sabia se havia sangue em sua roupa, mas o motorista mal olhou para ela enquanto explicava como chegar ao aeroporto, e se sentou bem atrás, onde ninguém pudesse vê-la. De qualquer forma, o ônibus estava quase vazio.

Ela não fazia ideia de onde estava. O ônibus se arrastava por ruas ladeadas de casas e lojas, tudo muito escuro. Passou por uma igreja enorme, depois por placas que indicavam o zoológico, e finalmente entrou no centro da cidade, onde ela desceu e ficou parada sob um toldo, tremendo de frio, esperando outro ônibus. Havia perdido o relógio e não sabia que horas eram. Ele devia ter caído durante a briga, e a polícia talvez pudesse usá-lo como pista. Mas era um modelo simples que ela havia comprado numa loja qualquer, então pensou que o relógio não revelaria grande coisa. O revólver é que faria isso. Pelo que lembrava, ela o havia jogado na grama. Sua mão ainda estava meio dormente por causa da força do disparo da arma, os ossos ressoando como um diapasão que se recusava a parar.

Quando chegou ao hotel o sol estava nascendo, e ela sentiu a cidade acordar. Sob a luz pálida, Jeanette entrou no quarto. Amy estava dormindo com a televisão ainda ligada, um comercial de algum equipamento de ginástica. Um homem musculoso, de rabo de cavalo e boca grande como a de um cachorro, latia em silêncio na tela. Jeanette calculou que não teria muito mais de duas horas antes que a polícia aparecesse. Tinha sido idiotice deixar a arma para trás, mas não

adiantava se preocupar com isso agora. Jogou um pouco de água no rosto e escovou os dentes, sem se olhar no espelho, vestiu uma calça jeans e uma camiseta, pegou as roupas sujas – a saia curta, o top justo e a jaqueta com franjas que usava na estrada –, cheias de sangue e pedaços de coisas que ela não queria saber o que eram, levou-as para trás do hotel e jogou em uma lixeira fedorenta.

Parecia que o tempo havia se comprimido de algum modo, como um acordeão: todos os anos que tinha vivido, tudo o que lhe acontecera sendo subitamente espremido sob o peso daquele momento. Lembrou-se de quando Amy era apenas um bebê, das manhãs que passava ninando a filha junto à janela, muitas vezes caindo no sono também. Aquelas haviam sido boas manhãs, algo que ela recordaria para sempre. Colocou algumas coisas na mochila das Meninas Superpoderosas de Amy e dinheiro e roupas numa sacola de supermercado. Desligou a televisão e acordou a filha, sacudindo-a gentilmente.

– Venha, querida. Acorde. Precisamos ir.

A menina estava sonolenta, mas deixou que Jeanette a vestisse. Ela era sempre assim de manhã, meio atordoada, e Jeanette sentiu-se grata por não ser alguma outra hora do dia, quando teria de dar mais explicações. Deu uma barra de cereais e uma lata de refrigerante de uva à filha, e então as duas foram andando até a estrada onde o ônibus a deixara.

Lembrou-se de ter visto, na volta para o hotel, uma grande igreja de pedra com uma placa na frente onde se lia NOSSA SENHORA DAS DORES. Se pegasse os ônibus certos, conseguiria passar lá de novo, pensou.

Sentou-se com Amy no fundo do ônibus e abraçou a filha para mantê-la bem perto. A menina não falou nada, só uma vez, para dizer que estava com fome de novo, e então Jeanette pegou outra barra de cereais na caixa que pusera na mochila de Amy, junto com a muda de roupas limpas, a escova de dentes e seu coelhinho. Amy, pensou, você é minha menininha, minha menininha tão querida, e eu sinto muito, sinto muito mesmo. Pegaram outro ônibus no centro da cidade e viajaram por mais 30 minutos. Quando Jeanette viu a placa do zoológico, se perguntou se já não teriam passado do ponto, porém se lembrou de que tinha visto a igreja antes do zoológico, de modo que agora, indo na direção oposta, ela estaria depois.

Então a viu. À luz do dia, parecia diferente, não tão grande, mas serviria. Saíram pela porta de trás. Jeanette fechou o zíper do casaco de Amy e pôs a mochila nas costas da menina enquanto o ônibus se afastava.

Então avistou outra placa, que se lembrava de ter visto à noite, pendurada num poste à beira de uma alameda ao lado da igreja: CONVENTO DAS IRMÃS DA MISERICÓRDIA.

Jeanette segurou a mão de Amy e foi andando pela alameda ladeada de árvores enormes, carvalhos com galhos compridos e cheios de musgo que se inclinavam acima das duas. Não imaginava como seria um convento, e acabou descobrindo se tratar apenas de uma casa, só que grande e bonita, de telhas, feita de pedras ligeiramente brilhantes e com um acabamento branco ao redor das janelas. Havia uma horta na frente, e ela achou que devia ser isso o que as freiras faziam, deviam cuidar das plantas. Chegou à porta da frente e tocou a campainha.

A mulher que atendeu não era uma velha, como Jeanette havia imaginado, e não usava um hábito, ou qualquer que fosse o nome daquelas roupas. Era relativamente jovem, não muito mais velha que Jeanette, e, a não ser pelo véu, vestia-se como outra pessoa qualquer, de saia, blusa e um par de sapatos marrons. E era negra. Antes de sair de Iowa, sem contar na televisão e nos filmes, Jeanette vira apenas um ou dois negros. Mas Memphis era cheia deles. Sabia que algumas pessoas tinham problemas com eles, mas ela nunca havia tido nenhum, e achou que uma freira negra seria tão adequada quanto qualquer outra.

– Desculpe incomodá-la – começou. – Meu carro quebrou aqui perto e eu pensei que...

– Claro – disse a mulher. Sua voz era diferente de tudo o que Jeanette ouvira antes, como se notas musicais ressoassem dentro de cada palavra. – Entrem.

A mulher se afastou da porta para que Jeanette e Amy pudessem entrar. Em algum lugar da casa, Jeanette sabia, devia haver outras freiras – talvez também fossem negras – dormindo, cozinhando, lendo ou rezando, o que ela achava que as freiras faziam bastante, talvez a maior parte do dia. O lugar era bem silencioso, por isso supôs que provavelmente estivesse certa. Agora precisava fazer com que a mulher a deixasse sozinha com Amy. Não tinha dúvidas disso, assim como não tinha dúvidas de haver matado um homem na noite anterior, e de todo o resto. O que estava prestes a fazer doeria demais, no entanto, pensando bem, não seria tão diferente assim, apenas mais uma dose da mesma dor de sempre.

– Senhorita...?

– Ah, pode me chamar de Lacey – disse a mulher. – Somos bastante informais por aqui. Esta menininha é sua filha?

Ela se ajoelhou em frente a Amy.

– Oi, qual é o seu nome? Eu tenho uma sobrinha mais ou menos da sua idade, quase tão linda quanto você. – Em seguida voltou-se para Jeanette: – Sua filha parece estar muito acanhada. Talvez seja por causa do meu sotaque. Eu sou de Serra Leoa, na África Ocidental. – A mulher voltou a se dirigir a Amy, segurando sua mão. – Sabe onde fica? É muito longe.

– Todas as freiras daqui são de lá? – perguntou Jeanette.

A mulher riu enquanto se levantava, mostrando os dentes brilhantes.

– Por Deus, não! Só eu.

Por um momento nenhuma das duas disse nada. Jeanette gostou da mulher, gostou de escutar sua voz. Gostou de vê-la interagindo com Amy, do modo como olhava nos olhos dela ao falar.

– Eu estava correndo para levá-la à escola, sabe? – disse Jeanette. – Então aquele meu carro velho... simplesmente parou.

A mulher assentiu.

– Por favor. Por aqui.

A freira conduziu Jeanette e Amy pelo corredor até a cozinha, um cômodo grande com uma enorme mesa de carvalho e armários com etiquetas: LOUÇA, ENLATADOS, MACARRÃO, ARROZ. Jeanette nunca havia pensado que freiras também precisavam se preocupar em comer. Imaginou que, com tanta gente morando na mesma casa, era mesmo uma boa ideia saber onde ficava cada coisa na cozinha. A mulher apontou para o telefone, um aparelho velho e marrom pendurado na parede. Jeanette havia planejado muito bem a parte seguinte. Digitou o número enquanto a mulher pegava um prato de biscoitos para Amy – não eram biscoitos de loja, e sim algo que alguém havia feito de verdade. Depois, enquanto a gravação do outro lado dizia que o dia seria nublado, com temperatura máxima de 13 graus e possibilidade de chuva no fim da tarde, ela fingiu estar falando com a seguradora, assentindo o tempo todo.

– O reboque está vindo – disse, pondo o fone no gancho. – Pediram que eu saísse e esperasse. Disseram que a garagem é aqui pertinho, na verdade.

– Bom, isso é ótimo – respondeu a mulher, animada. – Hoje é seu dia de sorte. Se quiser, pode deixar sua filha aqui comigo. Não seria bom ficar parada com ela numa rua movimentada.

Pronto. Jeanette não precisaria fazer nada mais. Só precisava dizer sim.

– Não se incomoda?

A mulher sorriu de novo.

– Vamos ficar bem, não vamos? – disse, olhando de modo encorajador para Amy. E virando-se para Jeanette: – Viu? Ela vai fica ficar bem. Vá cuidar do seu carro.

Amy estava sentada numa das cadeiras da grande mesa de carvalho, com o prato de biscoitos intocado e um copo de leite à sua frente. Tinha tirado a mochila e estava com ela no colo. Jeanette olhou para ela pelo máximo de tempo que pôde se permitir, depois se ajoelhou e a abraçou.

– Seja boazinha agora – disse.

Encostada em seu ombro, Amy assentiu.

Jeanette queria dizer mais alguma coisa, mas não pôde encontrar as palavras. Pensou no bilhete que havia deixado na mochila, o pedaço de papel que as freiras com certeza encontrariam quando não voltasse para pegá-la. Abraçou-a pelo máximo de tempo que ousou. A sensação daquele abraço a envolveu completamente, o calor do corpo da filha, o cheirinho de seus cabelos e de sua pele. Jeanette sabia que ia chorar, algo que não podia deixar que a mulher – Lucy? Lacey? – visse, mas se permitiu abraçar Amy por mais um instante, tentando gravar aquele sentimento em sua mente, em algum lugar seguro onde pudesse guardá-lo. Depois soltou a filha e, antes que alguém pudesse dizer qualquer outra coisa, saiu da cozinha, abriu a porta, desceu a alameda até a rua, e não parou mais.

DOIS

Dos arquivos eletrônicos de Jonas Abbott Lear, Ph.D.
Professor, Departamento de Biologia Molecular e Celular, Universidade de Harvard
Alocado no Instituto de Pesquisas Médicas de Doenças Infecciosas do Exército dos Estados Unidos
Departamento de Paleovirologia, Fort Detrick, Maryland

De: lear@amedd.army.mil
Data: segunda-feira, 6 de fevereiro 13:18
Para: pkiernan@harvard.edu
Assunto: Conexão via satélite está funcionando

Paul,

Saudações das selvas da Bolívia, esse fim de mundo nos Andes. De onde você está, na frígida Cambridge, olhando a neve cair, tenho certeza de que um mês nos

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br